



**VIDA NUA: o desvalimento social das personagens infantis em *Chove nos Campos de Cachoeira* de Dalcídio Jurandir**  
*NAKED LIFE: the social disadvantage of children's characters in *Chove nos Campos de Cachoeira* by Dalcídio Jurandir*

Rosane Castro PINTO<sup>1</sup>  

Universidade Federal Do Pará (UFPA)

**RESUMO:** Este trabalho trata-se de uma análise da obra *chove nos campos de cachoeira* (1941) de Dalcídio Jurandir. O texto retrata uma imagem decadente do ambiente ao revelar a instabilidade da vida dos que habitam em Cachoeira do Arari. Problemas existenciais ligados à identidade, ao mesmo tempo em que denuncia uma série de fatos sociais ligados à luta de classes. Dessa maneira, o romance embrião retrata inúmeras personagens infantis, meninos e meninas que se quer tem nome, e, por vezes se quer tem voz. Portanto, procura-se verificar através do olhar atento e minucioso do protagonista Alfredo, a realidade social das personagens infantis socialmente inferiorizados e dependentes de caridade alheia, crianças pobres que estão à margem da infância e de uma vida digna. Portanto, para discutir esse ambiente em decadência no contexto amazônico pós-ciclo da borracha, utilizaremos as ideias do italiano, Giorgio Agamben, sobre estado de exceção e Vida Nua, bem como as considerações de José Hage sobre as figurações do pobre em Dalcídio Jurandir.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vida nua; Infância; Conflitos.

**ABSTRACT:** This work is an analysis of the work *chove nos campos de cachoeira* (1941) by Dalcídio Jurandir. The text portrays a decadent image of the environment by revealing the instability of the lives of those who live in Cachoeira do Arari. Existential problems linked to identity, at the same time that it denounces a series of social facts linked to the class struggle. In this way, the embryonic novel portrays countless children's characters, boys and girls who want to have a name, and sometimes even have a voice. Therefore, we seek to verify, through the attentive and detailed look of the protagonist Alfredo, the social reality of child characters who are socially inferior and dependent on other people's charity, poor children who are on the margins of childhood and a dignified life. Therefore, to discuss this declining environment in the post-rubber cycle Amazonian context, we will use the ideas of the Italian, Giorgio Agamben, on the state of exception and *Vida Nana*, as well as José Hage's considerations on the figurations of the poor in Dalcídio Jurandir.

**KEYWORDS:** Bare life; Infancy; Conflicts..

<sup>1</sup> Mestre em Estudos Interdisciplinares pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (UFPA - Campus Universitário de Abaetetuba). E-mail: [rosanecastro377@yahoo.com.br](mailto:rosanecastro377@yahoo.com.br)

## Introdução

O escritor e romancista Dalcídio Jurandir nasceu dia 10 de janeiro de 1909, na ilha de ponta de pedras, arquipélago do Marajó. Por ser ativista político sofreu inúmeras perseguições, prisões e isso influenciou bastante em sua escrita jornalística. Construiu um projeto literário, constituído por 10 romances que ficaram conhecidos como *ciclo do extremo norte*: *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941), *Marajó* (1947), *Três Casas e um rio* (1958), *Belém do Grão Pará* (1960), *Passagem dos inocentes* (1963), *Primeira manhã* (1968), *ponte do galo* (1971), *Os habitantes* (1976), *Chão dos lobos* (1976), *Ribanceira* (1978). Essas narrativas apresentam várias temáticas, como o amor, ciúmes, mortes, poder, dinheiro, hierarquias sociais. Refletir sobre os problemas sociais e existentes na obra de Dalcídio Jurandir foi uma forma de o autor denunciar as mazelas sociais e as hipocrisias dentro dos romances.

Os romances de Dalcídio Jurandir defendiam as classes dos oprimidos, dos que a história havia calado. Por isso, ao evidenciar a condição em que vivem os marginalizados através de seus romances, Dalcídio lhes concede voz. Como descreve Maia:

Dalcídio Jurandir, o cronista do cotidiano das classes populares, pensava o tempo como uma construção social, e era nesse tempo dos “*agoras*”, do presente, em que ele escrevia os romances, que, ao desagregar a história oficial e escrevê-la a contrapelo, libertava todos os miseráveis da “condescendência da posteridade”. (MAIA, 2017, p. 279).

Nesse sentido, o autor constrói as narrativas focando na miséria e a falta de perspectivas que assolam a vida dos habitantes da região Amazônica. “A luta do literato era por relações sociais democratizantes e por possibilidade de oportunidades para todos.” (MAIA, 2017, p. 56). Portanto, dentro dessa perspectiva de retratar essa classe desprestigiada que surgiu a necessidade de analisar o romance, *Chove nos campos de cachoeira*, mais precisamente sobre a condição das crianças retratados nas passagens do livro, uma luta de classes entre os mais privilegiados socialmente e os desvalidos.

## Vida nua: os moleques desvalidos da Amazônia

Dalcídio ganhou o Prêmio Dom Casmurro de Literatura, concedido pelo jornal de mesmo nome e pela Editora Vecchi, com o romance *Chove nos Campos de Cachoeira*. Faziam parte do júri, entre outros, Oswald de Andrade, Rachel de Queiroz e Álvaro Moreira. Considerado pelo autor e pela crítica como o romance embrião, funcionará como uma caixa de onde saem os fios temáticos, aos

poucos aprimorados nos demais romances. *Chove nos Campos de Cachoeira*, narra o cotidiano do povo humilde da vila de Cachoeira, mesorregião do Marajó e microrregião do Arari, tendo como foco principal a família do Major Alberto. Através desse núcleo familiar, e da relação de seus integrantes com seus vizinhos e conhecidos, visualizamos com limpidez a miséria, a doença, a morte e as relações familiares dos moradores de Cachoeira.

Neste romance observa-se que o autor descortina um drama humano ao trazer à tona a condição de várias personagens infantis vivendo sob a condição de *vida nua*, dependendo da caridade alheia para sobreviver. Crianças que de forma desumana e altamente exploratória sobrevivem em meio a solidão, a desilusão e a inquietação com o futuro.

Viviane Dantas Moraes, em sua tese de doutorado *A vida nua em Dalcídio Jurandir: Metamorfoses do estado de Exceção*, (2017), faz uma analogia entre a Amazônia narrada por Dalcídio Jurandir e o campo de extermínio de judeus durante a segunda guerra mundial (1939-1945), a partir do pensamento de Giorgio Agamben. Segundo este filósofo o campo é um espaço de violação e vida nua e, portanto, um espaço de exceção. A pesquisadora faz um paralelo entre a obra testemunhal traumática do sobrevivente judeu, Primo Levi e as obras de Dalcídio, pontuando que ambas constroem, em diferentes gêneros literários, narrativas convergentes, pois há vários pontos em comum, no que concerne ao impulso criativo e a reflexão sobre a sociedade: a denúncia social, indignação com as injustiças, o ódio, o questionamento sobre a importância da vida, oprimida pelo poder de um soberano que decide sobre a vida das pessoas. Vejamos a seguir:

Nas reflexões dalcidianas, a Amazônia, representada no primeiro romance a partir do primeiro romance “Chove nos Campos de Cachoeira” (1941), se torna, portanto, um grande campo de extermínio cultural, moral, social, mas, sobretudo humano, criado por uma barbárie silenciosa que configura a *vida nua*. (MORAES, 2017, p. 12)

A exceção, ou seja, a medida arbitrária e evasiva do direito, que inclui pela exclusão estabelece uma relação de servidão e não uma relação de cidadania. Portanto, o soberano pode estabelecer a exceção afastando as normas, o direito à vida, fazendo com que as pessoas estejam cada vez mais contaminadas por essa exceção que vira regra.

Não é a exceção que se subtrai a regra, mas a regra que, suspendendo-se, dá lugar a exceção e somente deste modo se constitui como regra, mantendo-se em relação com aquela. O particular “vigor” da lei consiste nessa capacidade de manter-se em relação com uma exterioridade. Chamemos de *relação de exceção* a esta forma extrema da relação que inclui alguma coisa unicamente através de sua exclusão. (AGAMBEN, 2012, p. 26)

Dessa maneira, a medida que os direitos das pessoas é tirado dá-se lugar a barbárie, como forma de inclusão pela exclusão. Desta feita, observa-se as consequências da ausência do direito, do descaso, da construção ficcional do espaço de exceção onde a fome, a miséria e o abandono assolam as crianças de Cachoeira de maneira degradante e devastador.

A temática da fome é um dos problemas que transcorre na narrativa *Chove nos campos de Cachoeira*. Por isso, é importante compreendermos o conceito de pobreza a partir dos estudos de José Elias Pereira Hage, no trabalho intitulado *Figurações do pobre em Dalcídio Jurandir: Do Chalé à rua das palhas em chove nos campos de Cachoeira*, (2015), no qual afirma que:

O conceito de pobreza está, primeiramente, vinculado à satisfação das necessidades vitais do ser humano. O indivíduo pobre, então, é aquele que vive com o mínimo necessário para se manter vivo, visto que existem certas necessidades que não podem simplesmente ser proteladas, ao contrário, precisam de providências constantes, como o ato de alimentar-se. A fome é uma necessidade básica que exige do homem processos ininterruptos que desencadeiem em constantes soluções. (HAGE, 2015, p. 19)

Conforme salienta Hage a pessoa pobre é aquela que vive com o mínimo necessário para manter-se vivo. Logo na narrativa esses moleques são descritos como pessoas que vivem em extrema miséria, excluídos socialmente, dependente da ajuda de outras pessoas para sobreviver. Consequentemente, o sentimento de solidão e abandono perpassa no romance, onde o desamparo fruto do esvaziamento de direito faz com que os recursos básicos para a sobrevivência, como alimento, moradia, educação venham, a não existir, fazendo com que essas crianças se tornem dependentes da caridade alheia para poder sobreviver em meio a fome e as doenças. D. Amélia, mãe de Alfredo, sempre fazia de tudo para ajudar os mais pobres, em qualquer situação, mas reconhecia que não era capaz de acabar com a pobreza.

D. Amélia atendia os moleques pelas barracas próximas que pitiavam a peixe e a poeira, onde os quartinhos lançavam um bafo crônico de febre. Eram amarelinhos, barrigudos, pedinchões. D. Amélia dava purgantes, sobras de pano, conselhos, carões e comidas. Mas não podia acabar com a pobreza. (JURANDIR, 1991, p. 46)

A descrição detalhada feita pelo narrador do espaço físico se mostra rica em detalhes e evidenciam a pobreza e o desvalimento social desse grupo. “Havia muito moleque sujo, em Cachoeira, que tinha as pernas limpas e bonitas e morava na sujeira, nas barracas de chão (JURANDIR, 1991, p. 2). Assim, dá-se ênfase para as condições miseráveis e desumanas em que se encontram os personagens infantis. Crianças que trazem consigo as marcas da exceção, a experiência da fome, doenças, vergonha, humilhação e da decadência de valores humanos. Uma reflexão sobre a condição humana nas dificuldades na vida da Amazônia.

Observa-se através das entrelinhas dos romances as condições de vida e moradia dessas crianças. Locais inapropriados, sem qualquer higiene, apenas sobrevivendo em meio a miséria e a opressão. Desse modo, compreendemos que eles têm seus direitos violados se encontrando numa condição *vaga*, destituídos de seus direitos e de sua cidadania, estando compelido a viver em “estado de exceção”. Segundo Hage, “Dalcídio Jurandir tornou uma espécie de porta-voz de uma camada social esquecida, ou mais bem relegada ao esquecimento, considerada invisível pela sociedade burguesa: pobres e decaídos trafegando por uma Amazônia corroída.” (HAGE, 2015, p. 14). Logo pode-se afirmar que essas personagens infantis constitui uma vida indigna de ser vivida, o limiar além do qual a vida deixa de ser politicamente relevante para o estado e então pode ser eliminada.

A condição dessas crianças é de total desamparo, sem direitos, humilhados e desprezados por uma sociedade excludente e egoísta. De maneira que Alfredo os reconhece como animais, ou melhor abaixo disso, “Não, não gostava dos moleques sujos que matavam os passarinhos a baladeira. Um moleque não tinha talvez o valor dum passarinho”. (JURANDIR, 1991, p. 3). Observa-se neste fragmento a forma como o menino Henrique é retratado, como um desvalido, sem importância para a sociedade.

Ainda ontem viu Henrique balar um passarinho que caiu na calçada da casa do Coronel Bernardo. Henrique riu, e apanhou o pobre morto e disse.  
—Vou te comê de espeto.  
—Se come então um passarinho desse?  
— Se come. E no espeto. Não sabe o que é bom. Pra que tenho mea baladêra [sic]?  
Tu não gosta?  
—Eu não.  
— O que tu perde. És um branco... (JURANDIR, 1991, p. 3)

Nesse fragmento, é de suma importância observarmos as diferenças sócio culturais entre os meninos, Alfredo acha estranho matar os passarinhos e comê-los, enquanto para Henrique isto não é apenas uma brincadeira com baladeira, mas uma forma de saciar sua fome, uma necessidade que Alfredo, filho do major Alberto, não devia ter.

Alfredo, personagem do romance, frequenta a escola do seu Proença e sonha com os estudos em Belém e, com esse desejo aflorado de querer sair de Cachoeira, procura manter-se alheio a toda essa pobreza que o circunda, alimentando uma antipatia pelos moleques que pediam comida, roupas, remédios, para conseguir sobreviver em meio a miséria, solidão e o desprezo da maioria da população de cachoeira.

Diziam que um menino não deve imaginar muito, não desejar tanto, não possuir ambição, não invejar. Ser humilde e ele se julgava acima dos meninos que fediam a peixe e a poeira das barracas vizinhas. Todas as noites fazer exame de consciência e exame de consciência era o que não sabia fazer. Crescia sempre alheio à miséria dos

meninos que vinham pedir farinha no chalé. Marialba podia agradá-lo como agradasse, qual! nem merecia um simples olhar de simpatia de Alfredo. Sim, simpatia era que lhe faltava pelos meninos rotos e febrentos que pediam leite, farinha, resto de comida, retalho de pano, roupa usada, remédios, fósforos, dois palmos de linha de costura. Preferia estar com a bolinha, reunindo o seu gado de tucumã, olhando as formigas no quintal cortando e carregando folha, do que subir e atender Marialba, que amarelinha e gaga, esperava D. Amélia se desocupar do seu serviço para lhe dar a farinha. Alfredo não queria saber de menino pedindo no chalé. Chegara a expulsá-los. (JURANDIR, 1991, p. 108)

Para amenizar o sofrimento dessas crianças, dona Amélia compartilhava um pouco do que possuía, em diversas vezes na narrativa, narra-se essa preocupação da personagem em cuidar dos menos favorecidos. O fato de ter melhorado social e economicamente, não transformou seu caráter deixando-o, egoísta, orgulhosa, ao contrário, importava-se e compartilhava aquilo que tinha com os pobres e decaídos de Cachoeira. Diferente da postura de certas autoridades que deveriam proteger, cuidar e zelar pelo bem estar das crianças, mas o que fazem é subjugar, humilhar e desprezar os que necessitam de apoio e cuidado, como é o caso do Dr. Campos, o Juiz da cidade de Cachoeira:

—Mas, ó verme, onde estavas? Eutanázio ergue dificilmente o busto. O moleque estendia a cerveja ao Juiz. Dr. Campos põe primeiro as mãos nos quadris para contemplar e investir contra o moleque: — Hem? Põe aí a cerveja. Não estás vendo a mesa? Não tem mais olhos, seu vagabundinho? Sempre na safadeza, peraltíssimo! Arrumo-te um livro... Não se retire, não se retire, antes que eu lhe diga tudo o que tenho de dizer. Já não lhe disse isto? Sempre quando falo tem de ouvir. Como é que só porque mandei pôr a cerveja na mesa já vai se escapulindo? (JURANDIR, 1991, p. 84)

Nesse trecho o narrador, revela o tratamento que esse moleque recebe na casa desse juiz. Os insultos, as humilhações, e a falta de afetividade se assemelham ao período da escravidão, onde as crianças sofriam violências e eram extremamente menosprezados, violentados retirando-lhe o direito de brincar, estudar e de viver a sua infância. Eram servos de seus senhores, não eram assalariados e recebiam esse tipo de tratamento como forma de disciplina.

Esse quadro de desumanização é chocante, pois o moleque é comparado a um verme, rebaixado a uma condição animalesca, desumana. Crianças que por serem constantemente humilhadas dificilmente conseguem desenvolver-se plenamente de forma física, moral, intelectual e emocionalmente, pela falta de carinho, atenção e consequentemente por serem privados de ter acesso a escola. Por isso, é importante frisarmos o abandono e o descaso que as autoridades e a elite dispensavam aos menos favorecidos.

## Considerações finais

Como podemos observar é notável as reflexões acerca da *vida nua* e a infância desvalida no primeiro romance *Chove nos campos de cachoeira*, através das personagens infantis, denominados na narrativa de moleque. Nesse sentido, é notório apresentar essas crianças como pessoas humanas, mas tratadas como se fossem animais, sem valor para a sociedade e destacar o quanto elas foram vítimas de maus tratos psicológicos quando insultados, humilhados e até mesmo enxotados como forma de exclusão. Nesse caso vemos muito presente um quadro crescente de desumanização, ou nos termos de Agamben uma redução a Zoé, a uma vivência puramente biológica.

Portanto, podemos afirmar que esses personagens mirins vivem a experiência de *vida nua*, quando experimentam o corpo pela fome, pela miséria e pelas doenças. Sendo assim, o autor nos conduz a problematizar questões sociais e existenciais presente na narrativa como forma de questionar e refletir sobre a ausência do direito e de dignidade num espaço de exceção.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua (zoè) I**. Trad. Henrique Burigo. Belo horizonte: Editora UFMG, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **1942- Estado de exceção**. (Estado de sítio); tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.

HAGE, José Elias Pereira. **Figurações do pobre em Dalcídio Jurandir: Do Chalé à rua das Palhas em Chove nos Campos de Cachoeira**. Universidade Federal do Pará, Belém/2015.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém: Cejup, 1991. 294p.

MAIA, Maíra Oliveira. **Para além da decadência – “A Aristocracia do pé no chão” na Belém de Dalcídio Jurandir**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2017.

MORAES, Viviane Dantas. **A vida nua em Dalcídio Jurandir: Metamorfoses do Estado de Exceção**. Universidade federal do Pará. Belém, 2017.

VELOSO, Ivone dos Santos. Infância desnuda: Trajetória resistente em Belém do grão Pará. **XIV ABRALIC 2014, anais eletrônicos ISSN 2317-157X**.

### *Como citar este artigo:*

PINTO, Rosane C. Vida nua: o desvalimento social das personagens infantis em *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. **Revista Narrares** – V.1, N.2, Jun-Dez, 2023, pp. 177-184.